

Cecília Meireles: o lugar singular da poeta de *Viagem* na literatura brasileira

Cecília Meireles: the singular place of the poet of 'Viagem' in Brazilian literature

STEPHANIE CHANTAL DUARTE SILVA¹
Mestranda em Estudos de Linguagens (CEFET-MG)
E-mail: stephaniechantaldu@gmail.com

Resumo: O presente trabalho estuda como a recepção crítica do livro *Viagem* (1939) contribuiu para que Cecília Meireles ocupasse um lugar singular no panorama da literatura brasileira e tece reflexões sobre a relação dos críticos, poetas e escritores com a produção poética de Cecília nesse livro. Dessa forma, busca-se entender qual a relevância do livro *Viagem* para a crítica literária brasileira. Para tanto, aborda-se como esse livro foi recepcionado tanto pela crítica brasileira quanto pela crítica portuguesa. Para reforçar o embasamento teórico deste trabalho, foi feita referência a textos da fortuna crítica da poeta que estabelecem um panorama crítico do livro *Viagem*, além de alguns teóricos que discursam sobre a relação de Cecília Meireles com o tempo e com os movimentos literários, a exemplo de Mário de Andrade (2012), Darcy Damasceno (1987), Alfredo Bosi (1978), Otto Maria Carpeaux (1960), entre outros.

Palavras-chave: crítica; *Viagem*; Cecília Meireles.

Abstract: This paper examines how the critical reception of the book “Viagem” (1939) contributed to Cecília Meireles occupying a unique place in the panorama of Brazilian literature and reflects on the relationship of critics, poets, and writers with Cecília’s poetic production in this book. Thus, it seeks to understand the relevance of the book “Viagem” to Brazilian literary criticism. To do so, it addresses how this book was received by both Brazilian and Portuguese critics. To reinforce the theoretical foundation of this work, reference is made to texts from the critical fortune of the poet that establish a critical overview of the book “Viagem,” as well as some theorists who discuss Cecília Meireles’s relationship with time and literary movements, such as Mário de Andrade (2012), Darcy Damasceno (1987), Alfredo Bosi (1978), Otto Maria Carpeaux (1960), among others.

Keywords: criticism; *Viagem*; Cecília Meireles.

Escrito no período de 1929 a 1937 e publicado em sua primeira edição no ano 1939, em Lisboa, o livro *Viagem* evidencia a interação entre o modernismo e as raízes simbolistas e portuguesas de Cecília Meireles. No artigo intitulado “Compreensão Portuguesa de Cecília Meireles”, o crítico literário português Fernando Cristóvão (1978) aponta a posição da crítica portuguesa quanto ao livro que levou a poeta a sua maturidade poética:

¹ É bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Viagem, obra de indiscutível valor poético, marcou, talvez por essa circunstância, um verdadeiro marco inicial de maturidade, avaliado pela crítica mais digna de crédito e pela própria poetisa [...]

É um facto, que muito nos apraz registrar, a prontidão com que a crítica portuguesa descobriu e compreendeu a obra de Cecília Meireles, antecipando-se à crítica brasileira, sem que para isso tenha contribuído significativamente o fator biográfico de ser ela descendente de açorianos e casada com um português (Cristóvão, 1978, p. 21).

Cristóvão ressalta que a crítica portuguesa reconheceu *Viagem* antes mesmo da crítica brasileira. Por isso, quando Cecília Meireles recebeu o Prêmio Olavo Bilac de Poesia da Academia Brasileira de Letras, em 1938, no Brasil, houve uma polêmica acerca dessa premiação, conforme explana Paola Maria Felipe dos Anjos: “O reconhecimento da autora como poeta no Brasil teria se dado apenas depois da polêmica da Academia Brasileira de Letras em torno da premiação de *Viagem* em 1938” (Anjos, 1996, p. 6). Anjos ainda afirma que “Mesmo assim esse livro foi publicado pela primeira vez em Portugal no ano de 1939” (Anjos, 1996, p. 6). Isso evidencia que, durante o período de escrita do livro (1929 a 1937), Cecília inscreveu o livro inédito e ainda não publicado no Brasil no Prêmio Olavo Bilac de Poesia e, somente após a premiação e a publicação em Portugal, houve a publicação do livro no Brasil. A primeira edição do livro foi publicada em Lisboa, pela editora Ocidente, em 1939. Já a segunda foi publicada pela Editora Global, em São Paulo, em 2012.

Debates surgiram no tocante ao livro *Viagem* e foram registrados no livro *A academia e a poesia moderna*, de Cassiano Ricardo (1939), e na *Revista Brasileira* (1938). O poema “Medida da Significação”, que faz parte do livro *Viagem*, foi citado pelo crítico Carlos Queirós, que comparou tal livro da poeta com os de outros autores, como Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Jorge de Lima. Cassiano Ricardo, Fernando Magalhães e Olegário Mariano fizeram parte da comissão julgadora dos trabalhos a fim de definir os critérios de avaliação, conforme argumenta Paola Maria Felipe dos Anjos:

A imprecisão de ambos os lados em definir os critérios de avaliação mostra, principalmente no que diz respeito ao dado nacional, como esse é um momento de discussão e formulação do que seria a literatura brasileira depois do movimento modernista, indicando que o momento já não era mais de ruptura, mas de definição da nossa literatura (Anjos, 1996, p. 10).

Cassiano defendeu a poesia de Cecília Meireles e, conseqüentemente, sua premiação por *Viagem*, pois afirma haver uma linguagem literária nacionalista. Desse modo, haveria uma originalidade que seria a verdadeira essência da poeta, a qual apresentaria uma nova visão do mundo na obra moderna, bem como sua época por uma perspectiva emocional e mental. Assim como Cassiano Ricardo, Mário de Andrade também defendeu a premiação de Cecília na Academia Brasileira de Letras:

A Academia é um mal necessário, embora, como fenômeno de cultura social, devesse ser um necessário bem. Cecília Meireles talvez coincida

comigo nesta pequena ternura pela Academia. E terá querido por isso elevar a coletividade acadêmica [notem que me refiro à coletividade acadêmica, pois que separadamente até existem bons escritores lá dentro], Cecília Meireles terá querido ternamente elevar a coletividade acadêmica, se sacrificando a si mesma em ser premiada pela Academia. E eis-nos diante da madrigalesca lição da maior 'sinuca' literária destes últimos meses: a Academia acaba de ser premiada por ter concedido um prêmio à poetisa Cecília Meireles (Andrade, 2012, p. 63).

Andrade ressalta que, em detrimento a esse prêmio recebido, a comunidade da Academia Brasileira de Letras conseguiu desobstruir os caminhos obscuros que impediam o florescer de Cecília na literatura brasileira, além de evidenciar a formosura de sua poesia. Mário de Andrade compreende que Cecília Meireles tem um dom raro e que a personalidade dela é transposta em consonância com a multiplicidade e autonomia literária. Em suma, Andrade enfatiza que os versos da autora eram o que lhes soavam aos ouvidos como os mais belos sons: "Cecília Meireles está numa grande plenitude da sua arte maior. Com *Viagem* ela se firma entre os maiores poetas nacionais." (Andrade, 2012, p. 137). Por outro lado, por mais que a Academia tenha concedido o prêmio à Cecília, é importante ressaltar que o impasse causado por essa inconsistência em relação à premiação deve-se ao fato de que houve certa influência dos períodos literários antepostos à produção poética da autora. Com isso, essas influências literárias refletiram na escrita de Cecília, conforme registra Fernando Cristóvão:

Mas nascer fora das previsões da historiografia e da crítica literárias instaladas, e ter a loucura poética dum caminho próprio não enquadrável no esquema relativo da estrutura reconhecida oficialmente, é delito passível de um desconhecimento mais ou menos teimoso, que só terminará quando uma crítica, também ela singular e não conformista, chamar a atenção para o escândalo do desconhecido de valores reais (Cristóvão, 1978, p. 20).

O crítico Andrade Muricy (1987) observa raízes simbolistas nas primeiras obras de Cecília Meireles e aponta, contudo, também haver certa dificuldade em assumir a posição na qual se encontraria essa obra. Já Antonio Candido e José Aderaldo Castello (1977) acreditam que Cecília trazia a herança simbolista em sua poesia modernista. No entanto, o crítico Fernando Góes (1960) identifica que *Viagem* está classificada como uma obra do pré-modernismo, mas não esclarece seus pensamentos a respeito dessa classificação. Enquanto o crítico Leodegário Amarante de Azevedo Filho (1970) acredita que, devido à veiculação da autora ao grupo de *Festa* e aos espiritualistas, fica evidente que houve uma antecipação ao período neomodernismo.

O crítico Darcy Damasceno (1987) é categórico ao dizer que *Viagem* foi a primeira obra que esteve além dos limites do modernismo brasileiro, tornando-a incompreendida por uma parte da crítica da época. Essa incompreensão, pode-se dizer, deriva da contemporaneidade da poeta, ou seja, é um traço de poeta contemporâneo. A relação de Cecília Meireles com o presente, com o seu tempo, era desconexa, por isso conseguiu observá-lo como um olhar diversificado. A poeta tinha uma relação de aproximação e

afastamento do seu tempo, consistindo de uma relação singular com ele. Dessa forma, havia uma vinculação entre o seu próprio tempo e o contemporâneo.

Nesse tempo cronológico pelo qual o poeta perpassa, compreende-se que existe um processo de transformação atrelado à urgência do aprendizado, entendida como intempestividade da qual o filósofo alemão Friedrich Nietzsche já discorria em sua filosofia. Isso é estudado por Francisco Moraes (2016) em seu artigo intitulado “A intempestividade da filosofia em Nietzsche”. Moraes compreende que, para Nietzsche, o caráter intempestivo consiste do presente, do contemporâneo, de ser: “[...] inteiro no presente, ser contemporâneo, significa justamente estranhar-se do presente, combatê-lo, a fim de permitir que deste último emergja o próprio futuro” (Moraes, 2016, p. 73). Dessa forma, a intempestividade está associada ao tempo presente, isto é, ver esse presente como o futuro, logo o futuro já é o próprio presente e já está nele. Por isso, pode-se dizer que Cecília Meireles, como poeta e autora/executora de um projeto estético, atribui à intempestividade à sua carreira poética mediante a relação que tinha com o presente, bem como com o olhar atento ao futuro.

Em seu tempo atual, Cecília Meireles tinha resistência a aderir aos movimentos literários, pois a poeta prezava por sua independência, entonando a perfeição na maestria da escrita de seus versos. Isso foi reconhecido por Mário de Andrade (2012), em *O Empalhador de passarinho*, e por Manuel Bandeira (1964), em *Apresentação da poesia brasileira*. Alfredo Bosi (1978), em *História concisa da literatura brasileira*, e Otto Maria Carpeaux (1960), em *Poesia intemporal*, atribuem à obra da autora uma linha intimista, além da complexa inclusão de sua poesia nesta evolução histórica da poesia brasileira. Todavia, Carpeaux acredita que a poesia ceciliana pode ser considerada pós-simbolista devido ao contexto histórico, pois, para ele, o simbolismo brasileiro não teria se consolidado. Desse modo, embora nos versos de Cecília Meireles estivessem traços simbolistas, isso não determina que a poeta tenha se enquadrado em um determinado período/movimento literário, uma vez que a sua poesia não delimita exatamente um modelo estético de seu tempo:

No quadro da poesia modernista, Cecília Meireles manteve sempre uma rara e solitária independência [...]. Essa independência certamente se nutria de uma completa fidelidade às raízes simbolistas de sua lírica, cujos ecos permanecem constantes ao longo dela, muito além das ligações com o grupo espiritualista da revista *Festa*, que lhe marcaram, com alguma ingenuidade, os primeiros versos (Arrigucci Júnior, 2008, p. 12-13).

No prefácio do livro *Pensamento e “lirismo puro” na poesia de Cecília Meireles* (2008), Davi Arrigucci Júnior (2008) esclarece que a obra Ceciliana rompe as ligações estéticas com os movimentos literários em detrimento da liberdade poética no contexto lírico em que se aprofunda, gerando diversidade e especificidade nos poemas que a compõem. Isso é apresentado nas poesias do livro *Viagem*, pois são poemas heterogêneos que desenvolvem a multiplicidade em suas formas poéticas juntamente com um sujeito transmutável, ao qual transmite uma persona poética.

Em *Viagem*, o eu lírico traça percursos poéticos através da relação de irmandade entre a natureza e a beleza do mundo, a ausência do sujeito e sua impermanência, e a compreensão do próprio existir do sujeito poético. Com isso, a transitoriedade é exposta mediante a passagem do tempo e a fugacidade da vida — que é o signo da viagem, ou seja, a viagem está ligada à interioridade do eu lírico e ao seu processo de transmutação construído pela questão do tempo. Percebe-se que Cecília Meireles apresenta temáticas diversificadas, entretanto ligadas à viagem, como é descrito no próprio nome da obra, e que traz o ato de se deslocar de um lugar para o outro, um percurso percorrido, que, para a poeta, destina-se ao fim.

Os 13 epigramas de *Viagem* apresentam-se como textos de aberturas de treze seções do livro, abordando temáticas trabalhadas nos poemas subsequentes. O “Epigrama nº 1”, cumpre a função de prefácio do livro, enquanto que o “Epigrama de nº 13” encerra e conclui essa viagem poética, como um posfácio. Nota-se que o intervalo dos epigramas e dos poemas, a viagem, a transitoriedade e o ofício poético é o que prevalece nas poesias. Por isso, esse ato de viajar é o que conduz o viajante numa dimensão existencial, como esclarece Juliane de Sousa Elesbão (2021, p. 144): “A grande questão da viagem é que ela conduz inexoravelmente à subjetividade; é sempre diante dela que acabamos por entender o que aprendemos de nós mesmos”. Logo, para Elesbão (2021, p. 144), “Cecília Meireles viajou para certificar-se do núcleo duro de sua personalidade (o eterno) estando em um real sem os seus rituais cotidianos (o efêmero)”.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro, 1938.
- ANDRADE, M. de. **O empalhador de passarinho**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- ANJOS, P. M. F. dos. **Cecília Meireles: o modernismo em tom maior**. 1996. 91 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária), Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, D. Prefácio. In: GOUVÊA, L. V. B. **Pensamento e “lirismo puro” na poesia de Cecília Meireles**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 12-13.
- AZEVEDO FILHO, L. A. de. **Poesia e estilo de Cecília Meireles**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- BANDEIRA, M. **Apresentação da poesia brasileira**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. **Presença da literatura brasileira: modernismo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Diffel, 1977.

CARPEAUX, O. M. Poesia intemporal. *In*: CARPEAUX, O. M. **Livros na mesa**. Rio de Janeiro: São José, 1960. p. 203-209.

CRISTÓVÃO, F. Compreensão portuguesa de Cecília Meireles. **Colóquio/Letras**, Lisboa, n. 46, p. 20-27, 1978.

DAMASCENO, D. Poesia do sensível e do imaginário. *In*: MEIRELES, C. **Meireles Cecília: obra poética**, Rio de Janeiro: Aguilar, 1987. p. 21-47.

ELESBÃO, J. de S. Apontamentos sobre a poética de Cecília Meireles: entre o efêmero e o eterno. *In*: **Um livro de interpretação literária: vida e ficção**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2021. p. 143-157.

GÓES, F. Cecília Meireles. *In*: **Panorama da poesia brasileira: o pré-modernismo**. v. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. p. 126-131.

MEIRELES, C. **Viagem**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2012.

MORAES, F. A intempestividade da filosofia em Nietzsche. **Enunciado**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 71-86, 2016.

MURICY, A. C. M. *In*: **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. v. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1952. p. 200-202.

MURICY, A. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. 3 ed., São Paulo: Perspectiva, 1987.

RICARDO, C. **A academia e a poesia moderna**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939.